

Aprendizagem cooperativa

Renata Machado Técnica TCA/UCP

Resumo

Concebido como uma modalidade de formação de adultos, de acordo com as exigências de uma aprendizagem ao longo da vida, os «Núcleos de Aprendizagem Cooperativa» correspondem a uma resposta inovadora e muito desafiante, conforme procuramos mostrar neste texto. Desde a sua emergência, até à sua concepção, planificação e desenvolvimento, estes núcleos de aprendizagem constituem não só modalidades de formação singularmente ricas como também importantes espaços de socialização e de convívio humano. Todos se juntam motivados pela vontade e o desejo de querer aprender mais.

Introdução

A partilha surge cada vez mais como um valor a considerar quando nos referimos à área de intervenção sócio-educativa, onde por vezes existe uma preocupação exacerbada em defender o «nosso pequeno domínio». Os Núcleos de Aprendizagem Cooperativa (NACs) constituem expressão viva desse valor. Para o compreender, importa ter em referência a história concreta de um desses núcleos e o seu contexto de emergência.

A Pedagogia Social pretende afirmar-se como saber científico que se desenvolve numa relação íntima entre a teoria e a prática, ganhando forças ao alimentar-se de múltiplos saberes. Entre estes saberes, pode ser destacado o da Educação Social que enquadra a prática educativa no campo da acção social



(Baptista, 2003). No nosso caso, é justamente esta a área de saber que nos serve de referência base no processo de amadurecimento de competências socioprofissionais requeridas pela intervenção sócio-pedagógica no TCA.

Aprendizagem cooperativa: contexto de emergência

Como técnico da relação humana, o educador social parte para o terreno consciente de que cada ser humano, cada pessoa, está afectada a laços, ainda que por vezes fragilizados. Esses laços condicionam a forma como age e se compromete com o mundo. Envolto numa teia de redes sociais constituídas por unidades – pessoas, serviços e organizações – ligadas entre si pela partilha de um património e de determinados valores e objectivos (Baptista, 2005), o ser humano desenvolve-se em ambiente de complexidade. Neste sentido, a intervenção sócio-educativa exige um trabalho de parceria, envolvimento e partilha entre todos os actores.

A dinâmica de aprendizagem cooperativa resulta das práticas de mediação pedagógica que são promovidas no âmbito do projecto de intervenção comunitária «Trofa Comunidade de Aprendentes». Visando organizar o município numa comunidade de aprendentes, pretende-se que cada pessoa, cada trofense, seja qual for a sua idade ou condição assuma um compromisso pessoal com as condições de aprendizagem de todos, dentro de um espírito comunitário. Tal como refere Joaquim Azevedo, a propósito das comunidades de aprendentes, já não deve haver, como mundos isolados, o dentro das escolas e dos centros de formação e o de fora das escolas e dos centros de formação. Há apenas o de dentro das cidades-comunidades ao serviço da aprendizagem de cada uma e de cada um, em qualquer lugar, a qualquer hora, qualquer que seja o ponto de partida. (...) Todos são convocados para serem actores de educação e de formação ao longo da vida (2001),

A nossa colaboração nesta dinâmica territorial, primeiro no estatuto de voluntária depois na qualidade de técnica TCA, tem constituído um enorme desafio pessoal e profissional. Tendo tido o privilégio de ter sido testemunha dos primeiros passos deste projecto, pudemos assistir ao desbravar de terreno, à primeira sensibilização das pessoas e das instituições, às perguntas, às dúvidas,

às expectativas e aos sonhos iniciais. Inesquecível, por exemplo, a organização do primeiro Fórum TCA «Aprender ao longo da vida, um dever de cidadania», o momento de entrega das primeiras Cadernetas de Aprendizagem Pessoal, numa noite fria (Fevereiro 2004) num pavilhão Gimno-desportivo cheio de pessoas de todas as idades, prontas para escutar Roberto Carneiro e a sua proposta musical (Beethoven, Bach, Wagner).

Foi aqui que, de modo informal, vivemos a nossa primeira experiência de «mediação TCA». No decorrer da azáfama da entrega das primeiras cadernetas pessoais das aprendizagens (CPA's), surgiu à entrada do pavilhão uma menina de onze anos com um olhar muito tímido, que foi espreitando devagarinho, mas com grande curiosidade, para ver o que se estava a passar. Acabou por ser abordada por um senhor, que lhe perguntou se ela gostaria de entrar, ao que respondeu negativamente, argumentando estar à espera de umas amigas e que iria já embora, e de facto assim o fez. No entanto, passaram cerca de trinta minutos e a menina voltou. Desta vez, aproximou-se mais, encostando-se à porta semiaberta que dava acesso ao público. Depois de lhe ter sido explicado o que significava possuir uma CPA, entrou no pavilhão e sentou-se junto do público dessa noite. Podemos dizer que foi com esta menina, uma das primeiras aprendentes registadas na rede TCA e, certamente, a mais jovem dessa noite, que aprendemos a dar os primeiros passos na prática de mediação de aprendizagem.

As ainda na mesma noite, quase no fim da sessão, apareceu um senhor que vinha com a missão de ajudar na manutenção do pavilhão. Sentou-se ao nosso lado e perguntou-nos para que eram as cadernetas. Explicámos para que serviam e perguntei-lhe se não queria uma, mas a resposta pronta foi – “ Oh menina, não tenho tempo para aprender”. Começámos a falar e tentámos mostrar ao senhor que aprender não tinha de ser necessariamente num sentido formal, pois muitas das vezes aprendemos sem sequer nos apercebermos de que o estamos a fazer. Questionado sobre o que gostava de fazer nos seus tempos livres, revelou que via documentários sobre a Vida Selvagem. Juntos, acabámos por concordar que quando assistia a esses documentários estava a aprender algo.

O relato destas duas experiências serve como testemunho do que pode ser a mediação de aprendizagem numa perspectiva de formação ao longo da vida, lembrando que a acção do mediador deve ser apoiada numa boa preparação técnica e ética, como é o caso do TCA. Desafio a que uma equipa de trabalho

responde diariamente, actuando sob a supervisão atenta da coordenação pedagógica a cargo da Universidade católica Portuguesa. A filosofia que anima o projecto começa, desde logo, pelo processo de formação-acção de todos os colaboradores, técnicos, mediadores, voluntários, formadores. Isto impede-nos de assumir uma postura de estagnação ou de desalento face às dificuldades. No âmbito desta preocupação formativa, somos todos convidados a revelar o nosso próprio rosto profissional, numa perspectiva de desenvolvimento de um projecto de desenvolvimento enquanto técnicos. No nosso caso, este projecto formativo pessoal converge para as competências de monitorização e acompanhamento técnico das iniciativas de aprendizagem cooperativa. Conforme é lembrado persistentemente pelos nossos tutores académicos, Isabel Baptista e Joaquim Azevedo, somos também pessoas, isto é, a forma como encaramos a vida e o mundo, como vivemos a nossa própria experiência de aprendizagem tem uma enorme influência na relação que estabelecemos com o outro, neste caso o «aprendente». Trata-se, portanto, de uma responsabilidade ética e profissional que procuramos assumir inteiramente.

Núcleos de Aprendizagem Cooperativa (NACs)

É no contexto de formação e de acção atrás referido que surge a atribuição de responsabilidade técnica pela gestão pedagógica do que designamos por «núcleos de aprendizagem cooperativa» (NAC's). O que são os NAC's?

Um NAC corresponde a uma modalidade de formação (curso, oficina ou outra) que nasce, é concebido, planificado e concretizado numa lógica cooperativa. Mediante um interesse de aprendizagem comum, um grupo de pessoas junta-se e, com a ajuda de um técnico, discute a escolha do formador, os procedimentos metodológicos e os recursos a mobilizar no sentido de concretizar a iniciativa desejada. Todo o processo de organização do NAC corresponde a uma dinâmica formativa que conta com a participação empenhada de todos. Recordamos que, no âmbito das medidas de supervisão, avaliação e reconhecimento previstas pela coordenação científica e pedagógica do TCA, os NAC's, como todas as outras iniciativas, são rigorosamente monitorizadas e sujeitos a um processo de acreditação e certificação.



NAC - «Aprender Arranjos Florais»

Apesar de, por vezes, não conseguirem verbalizar o interesse numa área específica, a intenção de aprender mais corresponde sempre a uma decisão pessoal e consciente. No caso específico do NAC «Aprender Arranjos Florais», a ideia surgiu do pedido de formação vindo de uma aprendente. De acordo com a orientação pedagógica do TCA, ninguém pode ficar sem resposta, mesmo que essa resposta signifique um reencaminhamento para outros serviços. Aqui tratava-se de um interesse de aprendizagem, o desafio passava por encontrar pelo menos mais sete pessoas que partilhassem desse mesmo interesse. O que não demorou muito, tendo desde logo sido apontada a tia, a vizinha e talvez a cunhada e a prima, outras pessoas que também queriam de certeza. Em pouco tempo a comunidade local foi mobilizada e as inscrições para frequentar o NAC de Arranjos Florais aumentavam consideravelmente.

O próximo passo seria encontrar o formador. Numa perspectiva actuação de cariz tradicional, esta seria uma missão relativamente simples e pouco demorada, bastaria talvez procurar na oferta local, nos Centros de Formação Profissional ou outros. Contudo, e tendo sempre em conta a filosofia do TCA e a forma como se pretende que as dinâmicas se processem, informámo-nos junto das pessoas da freguesia sobre quais os recursos existentes e descobrimos que existiam duas floristas. As opiniões quanto ao trabalho que estas duas empresas realizavam eram algo controversas e subjectivas. A forma mais adequada que encontramos para realizar esta selecção foi a de nos dirigirmos às duas empresas, estabelecer diálogo e, por fim, encomendar dois ramos de flores. Este processo permitiu-nos observar e aproximarmo-nos das «candidatas», tendo sido um óptimo motivo para entrar em relação com elas. Os trabalhos apresentados foram analisados pela equipa pedagógica que teve também em conta o perfil pessoal do possível formador. Findo este processo de análise foi seleccionada a proprietária da empresa «Lagoa das Flores», D. Teresa Barreira que depois de algumas sessões de trabalho com elementos da equipa TCA, aceitou o desafio de integrar a rede de Formadores TCA, dispondo-se a assumir os deveres a este estatuto

O primeiro Curso de Formação «Aprender Arranjos Florais», núcleo de aprendizagem cooperativa acabou por ser constituído por uma turma de vinte pessoas e com uma lista espera de cerca de quinze pessoas que aguardavam a

oportunidade também participar numa acção de formação. O curso decorreu nas instalações cedidas pela instituição TCA, Escola de S. Romão do Coronado em horário pós-laboral e numa ambiente de enorme convívio entre todas as formandas. A última sessão do curso, com entrega formal dos certificados, coincidiu com a inauguração do espaço escolar «Casa de Aprender» onde estiveram em exposição pública os trabalhos individuais de final de curso. Este reconhecimento da comunidade é fundamental para a motivação de aprender.

Neste momento, a «Lagoa das Flores» pertence à Rede de Instituições TCA e a D. Teresa Barreira realizou já seis acções de formação em Arranjos Florais, não só em S. Romão do Coronado mas também noutras freguesias do município.

Conclusão

Pelo envolvimento pessoal e participação que implica, a dinâmica um núcleo de aprendizagem cooperativa corresponde a uma construção de história conjunta que marca, de uma forma ou de outra, a vivência de cada um. Os NAC's proporcionam momentos de reflexão, de conhecimento de si próprio e do outro, de partilha de sentimentos e experiências, contribuindo para a formação pessoal e social das pessoas. Sobretudo, permite criar laços sociais, eles próprios geradores de outras experiências de aprendizagem.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Joaquim – Comunidades (de) aprendentes – Um futuro outro para as cidades e para os cidadãos. Porto, 2001.

BAPTISTA, Isabel – Redes, parcerias e compromissos – segredos de uma cidadania capaz. Revista Educação e Cidadania. Porto Alegre: Centro Universitário de Porto Alegre, 2005.

BAPTISTA, Isabel e CARVALHO, Dias de – Educação Social: Fundamentos e Estratégias. Porto: Porto Editora, 2004

CARNEIRO, Roberto – Fundamentos da Educação e da Aprendizagem - 21 ensaios para o século 21. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2001.

DELORS, Jacques – Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. Porto: Edições ASA, 2003.